

O RACISMO PRESENTE NA LINGUAGEM: FRASES DE CUNHO RACISTA USADAS NO COTIDIANO

ROSE MARI FERREIRA¹; **SÔNIA MARIA FERREIRA CRUZ**²; **DANIEL CANAVESE DE OLIVEIRA**³

¹*Universidade Federal do RS-rosemariferreira344@gmail.com*

²*Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul/RS-soniamariaferreiracruz@gmail.com*

³*Universidade Federal do RS-daniel.canavese@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O racismo é a forma de exercício de poder de um grupo de pessoas(considerados dominantes) sobre outro(s) grupo(s) considerados dominados ou subalternizados. E esse poder se exerce de maneira social, política e econômica. O Racismo é estrutural porque constitui as relações sociais em um padrão de normalidade, não se caracterizando como uma patologia, como anormalidade (ALMEIDA, 2019).

É através da linguagem que sociedades estabelecem maneiras de comunicação. E exatamente por conta de ser pela linguagem que pode se estabelecer um tipo de comunicação, que negros e negras escravizados quando chegavam ao Brasil, trazidos em condições desumanas, eram imediatamente separado de seus companheiros de mesmo grupo linguístico, para que não pudessem manter a comunicação (GELEDÉS,2020).

O processo de desumanização iniciado na escravidão do povo negro, transformando os corpos de negras e negros em mercadorias, causou feridas que ainda não encontraram cicatrização. Fannon (1968) em seu clássico “os condenados da terra” nos traz que o racismo, invenção do branco, na sua condição brutal de aniquilar com o outro, estabeleceu pela violência, as relações de poder e dominação. A artista plástica, escritora e teórica Grada Kilomba (2019) nos diz que o racismo cotidiano reproduz à dinâmica do colonialismo, quando uma pessoa negra é agredida pelas palavras, em uma tentativa de reduzila aquilo em que as pessoas brancas gostariam que ela fosse (KILOMBA, 2019).

“A normalização do racismo como prática diária pode ser evidenciada quando frases que dizem “Ele é um negro de alma branca” coloca o branco como modelo único de sujeito e que o negro estaria tentando chegar perto desse modelo.”. Algumas negras escravizadas trabalhavam nas cozinhas da casa grande, lugar em que além de todo o serviço escravo era realizado, também oferecia o chão como lugar para dormir. E essas mulheres negras escravizadas, em que o estupro pelo senhor escravagista foi mais uma das práticas de desumanização, tiveram filhas e filhos de pele mais clara, chamados de “mulatas” e mulatos.Também daí a origem da expressão racista “pé na cozinha” indicando o lugar das a que pertenciam essas mulheres.

Djamila Ribeiro em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro “(2018) informa aos mais desavisados que as mulheres e homens negros escravizados foram expostos em zoológicos humanos”. Então, pensar na expressão que diz que mulheres negras são exóticas ou têm beleza exótica, mais uma vez está comparando mulheres negras aos animais. Adilson Moreira em seu livro “racismo recreativo” aponta que pessoas racistas não deixam de ser racistas por terem amigos negros ou até mesmo, por estarem se relacionando com pessoas negras, o que dá embasamento para confirmar o cunho racista da expressão “ Eu até tenho amigos negros!”.

Com o racismo sendo estruturante das relações sociais, objetivo geral da atividade é de desconstruir práticas racistas através da informação sobre frases de cunho racista cujo uso foi “normalizado” na sociedade brasileira. E os objetivos específicos foram de estimular os sentidos (da audição/fala) e tentar perceber-se no ato da fala, a presença do Racismo; refletir sobre atitudes que são consideradas “normais”, aceitas como “normais” no contexto da sociedade brasileira; estimular os sentidos da visão (através das imagens do Power-point), da audição (para aqueles que estiverem escutando) e da fala (para os que se sentirem a vontade para pronunciar a frase); relembrar que é na escola nos anos iniciais de estudo que muitas das ideias são estruturadas (através da imagem das colagens, do papel, envelope, cores (branco, preto, púrpura e vermelho)).

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado como atividade prática em sala de aula, pela primeira vez, em uma aula do Mestrado em Saúde Coletiva na UFRGS. Ela foi realizada pela segunda vez, na semana de atividades em comemoração ao “Novembro Negro”, promovida por alguns cursos da UFRGS, em uma aula da graduação em Saúde Coletiva, em que a autora foi gentilmente convidada pelo professor da disciplina. E é dessa experiência, da realização da atividade com os graduandos em Saúde Coletiva que trago esse relato.

A atividade foi proposta para os discentes e docentes da disciplina, como uma dinâmica em que a era totalmente livre a decisão de participar. Inicialmente foi feita uma apresentação em Power-point com imagens e temas sobre racismo, comentário sobre a “Carta de Linch “e a origem da expressão “Linchamento”, finalizando com o convite aos estudantes que lessem autoras e autores negros”. Após a apresentação, foi solicitado aos participantes que se posicionassem em grupos, totalizando sete grupos, de acordo com a formação que eles desejasse. Foram distribuídas sete folhas de cartolina, previamente preparadas pelas autoras, cada uma contendo um envelope pardo, uma folha para cada grupo. No interior do envelope, frases de cunho racista (escritas de formas diversas para exemplificar que somos diferentes e diversos) e a explicação referente a cada uma delas, juntamente com a referência. Foi determinado um tempo de mais ou menos 10 minutos para que os participantes pudessem ler o conteúdo do envelope. Após esse tempo, aqueles (as) que se sentissem à vontade, poderiam ler em voz alta a frase escrita, juntamente com a respectiva explicação dos termos presentes nas frases.

A dinâmica da atividade: Em cada cartolina, **números** de identificação em vários locais no papel, para que fosse lembrado que os negros escravizados recebiam “marcas” de ferro em brasa, muitas marcas, demarcando a propriedade de seus corpos pelos donos escravagistas; um número em **vermelho**, lembrando do sangue do povo negro escravizado; o envelope *pardo*, remetendo às questões de cor e o que representa na sociedade falar / ouvir a palavra “*pardo*”; no lado em que está a cor **“púrpura”**, mais uma vez remetendo às questões raciais (A cor púrpura – Alice Walker); as letras que compõem a palavra **R A C I S M O** nas cores branco e preto;

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as frases “*Como eu posso ser racista? Eu até tenho um amigo negro!*” e

“*Imagina se eu sou racista, eu tenho uma amiga negra e adoro o cabelo dela!*” uma das participantes revelou que jamais poderia pensar que essas duas frases remeteriam a conteúdo racista, acrescentando ainda que por algumas vezes ela mesma teria repetido essas frases, sem, entretanto ter noção do significado.

Quando a frase “você é um negro de alma branca” um dos alunos comenta ter ouvido essa frase por parte de um familiar seu, referindo-se a um vizinho, homem negro, que costumava frequentar sua casa. Foram feitos mais comentários sobre as frases de cunho racista, com abordagens diversas, incluindo a perspectiva de não ter conhecimento sobre o conteúdo e também discussão sobre os privilégios da branquitude.

Figura 1: Frases que foram trabalhadas na atividade

"Você é um negro de alma branca!" “Como eu posso ser racista? Eu até tenho um amigo negro! ” “Imagina se eu sou racista, eu tenho uma amiga negra e adoro o cabelo dela!” “Amo a cor de vocês, mulheres negras são exóticas !” “Você tem uma beleza exótica!” **Trabalho de preto; Feito nas coxas; pé na cozinha;** “**Não sou tuas negas**”; “disputar a nega ”
Nossa, o mundo tá chato, agora tudo é racismo! **Deixa de vitimismo, foi só uma brincadeira!** A escravidão já acabou, esqueçam isso; **Negros são descendentes de escravos!** Você é até bonita pra uma negra! **Preto quando não suja na entrada, suja na saída!** É negro, mas é honesto. **Você não é negra, tem traços finos.** Você se daria bem na Europa, europeus amam mulatas!
Se você está cansado de ouvir falar em Racismo, imagine eu que vivo isso todos os dias!”

4. CONCLUSÕES

A realização da atividade mobilizou sentimentos e sensações. Algumas de desconforto por se tratar de assunto sobre racismo. Os estudantes participaram da atividade. A maioria fez comentários sobre as frases de cunho Racista. Revelaram algumas que não sabiam, não tinham conhecimento dessa conotação. Algumas discentes agradeceram pela oportunidade de ser apresentado esse conteúdo. As autoras acreditam que trazer à discussão assuntos que possam produzir reflexão sobre o Racismo, sobre atitudes Racistas e as consequências desses comportamentos no meio em que vivemos (não somente o acadêmico), ainda que cause desconforto para alguns, se demonstra como uma maneira de trabalhar atividades Antirracistas.

Ao participarem da atividade, com a possibilidade de se ouvirem falando frases que são “naturalizadas” no cotidiano, os estudantes puderam vivenciar e relembrar cenas e falas comuns nos encontros familiares, nas relações de trabalho, na própria academia e na vivência de alguns. Também foi estimulado que os estudantes lessem autoras e autores negras e negros, para compreender o que é racismo e adotar práticas antirracistas.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Caindiani-1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANNON, F. **Os condenados da Terra** (título em francês: LES DAMNÉS DE LA TERRE). Editora civilização brasileira S.A, Rio de Janeiro, 1968.
- GELEDES. **18 expressões racistas que você usa sem saber**. Acessado em 19 nov.2019. Online.

Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-racistas-que-voce-usa-sem-saber/>.

GELEDÉS. A presunção de inocência e o “negro de alma branca”. Acessado em 19 nov.2019. Online. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-presuncao-de-inocencia-e-o-negro-de-alma-branca/>

KIOMBA, G. Memórias da Plantação Episódios de Racismo Cotidiano.

Tradução Jess Oliveira-1 ed: Rio de Janeiro:Cobogó, 2019.

MOREIRA, A. Racismo Recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

Ribeiro, D. **Quem tem medo do feminismo negro?**1^a Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WALKER, A.A cor púrpura. Tradução Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson.-17^a ed.-Rio de Janeiro:José Olympio, 2019.

GELEDÉS. A História da Escravidão Negra no Brasil, Prof. Vítor Hugo Garaeis.2012.Acessado em set 2020. Online. Disponível em <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>.